

ATIVIDADES DOS SERVIÇOS NO CIRCUITO INFERIOR DA CIDADE DO SALVADOR - BAHIA

Antônio Raimundo Chagas Magalhães¹
Noelio Dantaslé Spinola²

RESUMO

Em 1979, o geógrafo Milton Santos publicou *O Espaço Dividido: os dois conceitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos* um livro que introduzia um novo paradigma na forma de ver e de entender o espaço urbano nos países pobres. Estabeleceu neste novo paradigma que o processo de ocupação do espaço nesses países era determinado pela diferença de renda entre os seus habitantes. Nesses espaços, a produção concentrava-se em determinadas áreas do território e o consumo era disperso e seletivo socialmente, pois a capacidade de consumir não é igual para todos. Assim, materializavam-se o circuito inferior (dos pobres) e o circuito superior (dos ricos) que se relacionavam e interagiam na cidade em um processo dialético induzido pela dominação econômica internacional. Este trabalho, instrumentado por uma metodologia dedutiva e fundamentado na observação empírica e na recuperação de informações em bases primárias e secundárias, analisa o que ocorreu ao modelo de Santos, quarenta anos após a sua formulação em 2015. Conclui que como uma decorrência do desenvolvimento econômico neste período existem mais circuitos distintos, na formação do sistema urbano das cidades dos países do Terceiro Mundo, suplantando o dualismo marxista do autor estudado.

Palavras-chaves: Circuito superior; Circuito inferior; Classes sociais; Ricos, Pobres.

ACTIVITIES OF SERVICES IN THE LOWER CIRCUIT OF THE CITY OF SALVADOR - BAHIA

ABSTRACT

In 1979, the geographer Milton Santos published *The Divided space: the two concepts of the urban economy of the underdeveloped countries* a book that introduced a new paradigm in the way of seeing and understanding the urban areas in poor countries. Established this new paradigm that the process of space occupation in these countries was determined by the income gap between its inhabitants. In these spaces, the production was concentrated in certain areas of the territory and consumption was dispersed and socially selective as the ability to consume is not the same for everyone. Thus, materialized to the lower circuit (of the poor) and the upper circuit (the rich) that related and interacted in the city in a dialectical process caused by the international economic domination. This work, instrumented by a deductive methodology and based on empirical observation and recovery of information in primary and secondary information sources, analyze what happened to the model of Santos, forty years after its formulation in 2015. It concludes that as a result of economic development this time there are separate circuits, the formation of the urban system of the cities of the Third World countries, supplanting the marxist dualism of the study author.

Keywords: Upper circuit; Lower circuit; Social groups; Riches; Poorest.

JEL: 11

¹ Doutorando em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador (Unifacs); Mestre em Administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professor dos Cursos de Administração e Economia da Unifacs. arcm1949@gmail.com

² Economista. Doutor em Geografia (Análise Regional e Urbana). Professor Decano e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Unifacs. spinolanoelio@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

As décadas de 1960 e 1970 foram caracterizadas como sendo tempos de concentração de renda, tempos de aumento acentuado da desigualdade que, segundo Gandra (2004, p.1) ficou conhecida como a *Controvérsia de 70*. A desigualdade alargou a distância de renda entre os mais pobres e os mais ricos e ajudou a caracterização dos dois circuitos, inferior e superior da economia aos quais se referira Santos (1975) em sua obra clássica *O Espaço Dividido: os dois conceitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*.

A partir dos anos 2000 o Brasil passou por importantes avanços sociais aproveitando-se da conjuntura favorável do mercado de *commodities*, aliada a mais de uma década de reformas, que propiciaram crescimento forte, grande oferta de empregos e ganhos reais do salário mínimo. Esse ciclo enriquecedor encerrou-se em 2011 mas criou novos circuitos, do mais miserável ao mais rico.³ Os de cima explorando os de baixo ou os mais ricos oferecendo trabalho aos mais pobres. Não permaneceu incólume a partir da década de 80, o modelo proposto pelo professor Santos em 1979 quando publicou o livro onde propôs modificar o modo como o espaço urbano era visto, até então, em países pobres. A intenção do professor era, na verdade, criar um novo paradigma para conceituação de espaços em países subdesenvolvidos. O conceito desligava-se completamente da geografia rudimentar que admite espaços como áreas de terra, medidas em quilômetros quadrados, com curvas de níveis, com altitudes, etc. e incorporava conceitos econômicos para dividir espaços. Na década de 1970, a realidade constatada era muito diferente e o conhecimento sobre as cidades desses países do Terceiro Mundo era bem maior que os de algumas décadas pretéritas. A abordagem sobre o tema podia e devia, portanto, ser mais apurada e específica. O argumento era que os últimos 20 anos não levaram a nada. “Os últimos 20 anos [1955-1975] provaram que ele não levou a nada. Trata-se agora de tentar abordagens substantivas, que ataquem verdadeiramente a realidade e sua dinâmica própria, em vez de insistir em comparações arriscadas” (SANTOS, 2008, p. 16).

³ No caso estamos admitindo uma flexibilização no conceito de classe, discordando do dualismo marxista mas admitindo o confronto dos interesses que dá margem à luta de classe em diferentes níveis.

Na argumentação, o professor Santos afirmava que devemos substituir planos semelhantes aos aplicados em países desenvolvidos por planos que levassem em conta a história do subdesenvolvimento dos países do Terceiro Mundo. Sob essa ótica os países subdesenvolvidos não deviam, inclusive, serem vistos como estando em um momento de transição para o desenvolvimento, uma postura bastante radical e imobilista da qual discordamos. Dizia o Professor: “não se trata de um mundo em desenvolvimento, mas de um mundo subdesenvolvido com suas características próprias e seus mecanismos fundamentais que será necessário demonstrar” (SANTOS, 2008, p. 19).

A história dos países subdesenvolvidos revela aspectos específicos de evolução em relação à organização da economia, da sociedade, do espaço e da urbanização. A proposta era, portanto, na década de 1970, iniciar estudos com bases novas, conforme pensamento de R. Gakenheimer (1970): “se não seria melhor recusar claramente os métodos importados e começar pelo começo, quer dizer, pela formulação do próprio problema” (SANTOS, 2008, p. 20).

O problema é que o espaço nos países subdesenvolvidos é determinado pela enorme diferença de renda da população. As possibilidades de consumo das famílias varia muito e é determinante da localização do indivíduo. Essas disparidades não são tão relevantes nos países desenvolvidos, nos países com economias mais estáveis, democracias mais consolidadas e distribuição de renda mais equânime.⁴

Essas determinações econômica e social do espaço são variáveis importantes para a elaboração de uma teoria espacial, de localização, para os países do Terceiro Mundo. Sob esse aspecto da seletividade do espaço devem ser analisados a *produção* e o *consumo*. A produção tende a se concentrar em determinadas áreas do território e essa concentração é tão mais importante quanto mais moderna for a produção. O consumo é disperso, mas seletivo socialmente, pois a capacidade de consumir não é igual para todos. Assim, surgiram os dois circuitos econômicos, com grande desigualdade de renda, responsáveis não só pelo processo econômico, mas também pelo processo de organização do espaço.

⁴ No século XXI esta condição vem se alterando em função dos problemas gerados pela imigração.

As cidades, qualquer cidade, mas principalmente as dos países subdesenvolvidos devem ser estudadas não como uma peça única, não como uma unidade estática, mas como organismo vivo, dinâmico, como um território vivo, composto por partes móveis e dinâmicas próprias. Se nas décadas de 1960/1970 haviam dois circuitos distintos - **o circuito inferior (dos pobres)** e **o circuito superior (dos ricos)** – atualmente, quarenta anos após, existem mais circuitos, bem distintos pela capacidade de consumo, na formação do sistema urbano. Em Salvador – Bahia – Brasil, o espaço é ocupado por mais circuitos. Prevalece ainda hoje, após quarenta anos, que a definição dos espaços não é geográfica, é econômica. Em vários locais da cidade poucos metros separam nitidamente circuitos de ricos de circuitos de pobres.

A ideia dualista da luta de classes entre oprimidos e opressores, do nós contra eles é antiga, é protagonista do Manifesto Comunista de Marx e Engels (1848):

Eis portanto a primeira ideia decisiva de Marx: a história humana é caracterizada pela luta de grupos humanos, a que chamaremos classes sociais, e cuja definição de momento permanece equívoca, mas que têm a dupla característica de por um lado comportarem o antagonismo entre opressores e os oprimidos, e por outro lado tenderem a uma polarização em dois e só dois blocos (ARON, 2014, p. 24).

Mais recentemente, artigo de Paul Singer que consta do livro A História da Cidadania, registra:

Sabe-se que as sociedades capitalistas contemporâneas se dividem em duas classes sociais: a primeira é a classe proprietária ou capitalista, composta por pessoas com posses econômicas suficientes para assegurar a satisfação de suas necessidades e das de seus dependentes, sem que tenham necessidade de exercer alguma atividade remunerada. A outra classe social é a trabalhadora, composto pelas demais, que por não terem tais posses subsistem com os ganhos do exercício da atividade remunerada (PINSKY, 2013, p.191).

2 OS NOVOS CIRCUITOS DE SALVADOR

No início dos anos 60, o clima no Brasil era de euforia. Ninguém pensava em crise.

Falava-se nas grandes transformações econômicas, sociais e políticas pelas quais o país estava passando, na revolução industrial e nacional. Sem dúvidas, problemas surgiam no processo de desenvolvimento, mas a abordagem que dominava o Brasil era positiva. Desde o fim da Segunda Guerra o país era dominado por um sentimento de otimismo, que, nos últimos anos da década de 50, se transformara em euforia. O Brasil não era apenas o 'país do futuro', estava se transformando rapidamente nesse país. A partir de 1961, porém, a situação mudou. O sentimento de otimismo foi dando lugar ao de dúvida e depois ao de decidido pessimismo. O país foi

entrando pouco a pouco em uma conjuntura de crise [...] a crise era facilmente discernível. A taxa de desenvolvimento da renda *per capita* que, até 1961, costumava girar em torno de 3%, tornou-se negativa em 1964, apresentando uma redução de 6,1%. A este dado, corresponde um decréscimo da renda global de 3%. O principal fator que explica esse fenômeno foi a redução de 4,5% que sofreu a produção rural, mas também a produção industrial sofreu uma queda de 0,4% (BRESSER-PEREIRA, 2003, p.123).

A queda da atividade industrial foi um fato realmente muito grave para a economia do país nas décadas de 1960 e 1970, tendo em vista que o Brasil no pós-guerra foi o país da América Latina cuja produção industrial mais cresceu. De 1945-1950 e de 1956-1961, a média de aumento da produção manufatureira foi de 9,4%. (BRESSER-PEREIRA, 2003, p.123). Todo este desastre econômico ocorrido no início dos anos 60, evidentemente, alargou a distância de renda entre os mais pobres e os mais ricos e, provavelmente, muito ajudou na caracterização, de modo real, dos dois circuitos, inferior e superior. Ainda em relação às décadas de 60 e 70, a própria variação do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil contribui para a formação dos circuitos, conforme tabela a seguir:

Tabela 1 - Evolução do produto nos ciclos industriais 1955/1981

(Taxas anuais de crescimento %)				
Períodos	PIB	Indústria	Agricultura	Serviços
1955-1962	7,1	9,8	4,5	6,8
1963-1967	3,2	2,6	4,2	3,7
1968-1973	11,3	12,7	4,6	9,8
1974-1981	5,4	5,4	4,9	6,6

Fonte: Contas Nacionais, FGV e Conjuntura Econômica, v. 35, maio de 1982 para o PIB de 1981.

Se a crise contribuiu para que os mais pobres ficassem mais pobres ainda, a bonança do período 1968-1973 contribuiu para que os ricos ficassem mais ricos, aumentando a distância entre os circuitos, o que pode ser constatado na tabela a seguir:

Tabela 2 - Distribuição dos rendimentos da População

Economicamente Ativa (%)					
	1960	1970	1972	1976	1980
20% mais pobres	3,9	3,4	2,2	3,2	2,8
50% mais pobres	17,4	14,9	11,3	13,5	12,6
10% mais ricos	39,6	46,7	52,6	50,4	50,9
5% mais ricos	28,3	34,1	39,8	37,9	37,9
1% mais ricos	11,9	14,7	19,1	17,4	16,9

Fonte: Censos demográficos de 1960, 70 e 80, e PNAD de 1972 e 1976, IBGE.

Os números que constam da tabela a seguir apresentam uma avaliação dos salários mínimos e médios, assim como da produtividade – PIB *per capita* – dos anos 1970 a 1981, assumindo 1970 como base (=100). Constata-se que, naquela época, ocorreu uma redução, praticamente, constante do salário mínimo, um crescimento, também praticamente constante, do salário médio e um cenário idêntico para a produtividade (BRESSER-PEREIRA, 2003, p.196).

Tabela 3 - Salários e produtividade

(Índices - 1970 = 100)			
Anos	(1) Salário Mínimo Real	(1) Salário Médio Real	(3) Produtividade (PIB/habitante)
1970	100,0	100,0	100,0
1971	95,7	103,2	109,3
1972	93,9	107,4	118,5
1973	86,1	112,7	131,8
1974	79,0	112,7	140,8
1975	82,5	121,5	145,1
1976	82,0	127,2	155,3
1977	85,4	135,8	159,8
1978	88,0	147,2	163,4
1979	90,4	154,0	170,1
1980	93,4	149,4	179,0
1981	95,5	161,3	171,4

Fonte: (1), (2) O índice do salário mínimo inclui o 13º Salário a partir de 1962.

O índice de salário médio real corresponde à média de 18 sindicatos em São Paulo até 1974 (BACHA; TAYLOR, 1980).

A partir de 1975, a fonte é o IBGE, salários da indústria de transformação. Todos os índices foram FGV, Conjuntura Econômica, dez, 1981. Dado referente a 1981 é estimativo.

Os dados da tabela anterior demonstram os mais pobres ficando mais pobres com redução do salário mínimo; os médios enriquecendo pelo aumento constante do salário médio real e os ricos ficando mais ricos pelo aumento persistente da produtividade.

A pesquisa realizada, que resultou no Espaço Dividido (SANTOS, 1979), encontrou esses números e fenômenos econômicos ocorridos nos anos 60 e 70. São números que justificam os extremos mais acentuados entre pobres e ricos e entre dois circuitos: inferior e superior. Quanto maior for a crise econômica, maior será o número de pobres, maior será o número daqueles que serão explorados e, conseqüentemente, mais riqueza será gerada para aqueles que assumirão o papel de exploradores. Na crise, quem mais tem, mais terá. Quem menos tem, menos terá. *“Porque ao que tem, se lhe dará e terá em abundância, mas ao que não tem, até o que tem, lhe será tirado.”* (Mateus 25,29, *Bíblia de Jerusalém*)

O Prof. Ragnar Nurkse, em uma palestra realizada em 1952, no Cairo, durante as conferências comemorativas do aniversário do Banco Nacional do Egito, referiu-se ao círculo vicioso da pobreza com as seguintes palavras:

[...] um homem pobre talvez não tenha o bastante para comer; sendo subnutrido, sua saúde será fraca; sendo fraco, sua capacidade de trabalho será baixa, o que significa que será pobre, o que, por sua vez, implica dizer que não terá o suficiente para comer; e assim por diante. Uma situação dessa aplicada a todo um país, pode reduzir-se a uma proposição truística: ‘um país é pobre porque é pobre’” (MYRDAL, 1960, p. 27).

Mais adiante serão identificados os novos circuitos da cidade do Salvador - impressão válida para as grandes cidades do mundo subdesenvolvido - bem como serão identificados como os serviços se realizam nesses espaços, correspondentes às regiões da cidade ocupada por miseráveis com renda inferior a um salário mínimo, pobres, médios, ricos e muitos ricos.

Em 1970, as cidades apresentavam uma realidade econômica que justificava no plano social a definição de apenas dois espaços, dois circuitos. Nessa época eram nítidos os dois circuitos da economia urbana, suas relações recíprocas e suas relações com a sociedade e com o espaço circundante. O circuito inferior daquela época ainda é encontrado em Salvador, mas, entre esse tipo de espaço econômico e o circuito superior, também daquela época, surgiram novos circuitos, mais ricos que o primeiro (inferior) e mais pobres que o segundo (superior). O cenário

desenhado com elevado grau de realidade e oportunidade para a época, para as cidades de países subdesenvolvidos, traduziu muito bem a realidade. Mas a realidade de hoje é totalmente diferente, requer a definição de um maior número de circuitos, suas inter-relações, o nível econômico dos seus residentes, uma vez que as diferenças de renda são extremamente relevantes e, conseqüentemente, a capacidade de consumo também é diferente.

A ideia de novos circuitos não é novidade. No próprio livro *O Espaço Dividido*, a ideia de mais de dois circuitos fora pensada e registrada, embora refutada (NEM CIRCUITO INTERMEDIÁRIO, NEM CONTINUUM):

A propósito das cidades de Minas Gerais, Yves Leloup (1970, p. 198-199) admite uma outra forma de existência de três circuitos econômicos na cidade: o da classe privilegiada, o da classe média e popular, e o da classe marginal. O primeiro seria 'alimentado em parte pelas rendas fundiárias e também pelas rendas do comércio, da indústria e das especulações imobiliárias'. O segundo circuito é formado pelos 'verdadeiros produtores e consumidores da cidade'. Os salários dos seus agentes 'dependem em parte dos empregos criados pelas classes privilegiadas na cidade, pelos investidores externos à cidade, pelo Estado (funcionários públicos.)'. O último circuito, o da 'classe marginal', procuraria sobreviver graças aos empregos não-qualificados, os serviços domésticos, os pequenos ofícios ou da assistência social e da caridade; seu poder de compra é muito pequeno (SANTOS, 2008, p. 48-49).

Em Salvador, em séculos anteriores ao século XX, já havia registros relativos às diferentes classes sociais:

Vejamos o que escreveu Pyard de Laval a respeito do custo de vida na Soterópolis, no primeiro quartil do século XVII: 'Não há dúvida que a vida é caríssima no Brasil; a libra de carne de leitão custa dez vinténs; a de vacca, sete vinténs e seis dinheiros; a de carneiro dez, e uma galinha como as nossas, um escudo. Há alli muitos perús, valendo dous escudos cada um; dous ovos, cinco vinténs; a canada de vinho das Canarias, quarenta vinténs. Faz-se vinho com succo de cana, que é barato, mas só para os escravos e filhos da terra' (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, 1998, p. 85).

Ainda em relação ao século XVII, no terceiro quartil, uma nota, relativa às mulheres da cidade do Salvador, chama a atenção em relação à classificação social:

São menos visíveis ainda que no México, anota, mas nem por isto menos libertinas, pois para satisfazerem às paixões põem em jogo todos os estratagemas, mesmo embora arriscando honra e vida, pois se acaso são apanhadas em flagrante, os maridos as apunhalam impunemente, ou os próprios paes ou ermãos as prostituem. Passam então a ser públicas cortezãs, à disposição de brancos e negros (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, 1998, p. 101).

Outra referência relativa à classe social, no século XIX, está registrada no livro 50 Anos de Urbanização – Salvador da Bahia no Século XIX:

Rebeldes, insolentes, ousados são termos que aparecem com frequência em relatos de autoridades, de viajantes e em documentos referentes a atitudes e comportamentos de negros africanos e crioulos. O mais comum entre eles, no entanto, era a postura submissa, dada a própria condição em que estavam inseridos na estrutura da sociedade patriarcal-escravagista. Não apenas os negros. Também viviam em posição de inferioridade, na Bahia da segunda metade do século XX, boa quantidade de mulatos e outros tantos brancos pobres ou remediados (SAMPAIO, 2005, p. 85).

A partir dos anos 2000, o Brasil passou por importantes avanços sociais aproveitando-se da conjuntura favorável do mercado de *comodities* aliada a mais de uma década de reformas que propiciaram crescimento forte, grande oferta de empregos e ganhos reais do salário mínimo. Esse ciclo enriquecedor, que teve encerramento em 2011, modificou o cenário de rendimento entre as classes intermediárias. Ou seja, após os muito pobres (miseráveis) e antes dos médios e ricos, criando novos circuitos.

Pesquisa recente sobre o direito à moradia na cidade de Salvador, em 2012, resultou no Atlas sobre o Direito de Morar em Salvador (EDUFBA, 2012, p.13) em que está registrado:

Os Sem Teto de Salvador são, predominantemente filhos dessa cidade. São mulheres e homens na sua maioria negros, jovens, trabalhadores informais, com renda média inferior ao salário mínimo, que convivem diariamente com a violência, contraditoriamente resultado da presença e da ausência do Estado e do tráfico de drogas, que moram em prédios, galpões e terrenos situados em áreas centrais degradadas e na periferia da cidade – lugares abandonados ou distantes dos centros urbanos consolidados e infraestruturados, sendo os mesmos convidados, sempre, a se retirarem quando ameaçados pelos proprietários, públicos ou privados da terra.

São muitos baianos soteropolitanos, famílias inteiras, filhos de Salvador, sem teto, morando em espaços com esgoto na porta, sem água encanada, sem energia elétrica, sem a presença e a proteção do Estado, onde a lei prevalecente é a do mais forte e com renda inferior a um salário mínimo. A vida é um suplício, e são multidões de pessoas à espera da exploração por qualquer grupo um pouco mais abastado.

Os novos espaços são mais interseccionados que os circuitos da época da pesquisa de Santos. Os atuais são muito próximos. Poucos metros separam

espaços mais abastados de espaços de baixa renda. Em Salvador, na Avenida Jutahy Magalhães – Chapada do Rio Vermelho – lado direito, sentido Iguatemi-Garibaldi, temos o bairro do Horto Florestal com suas casas e edifícios caros e de ricos. No lado esquerdo da avenida temos o Vale das Pedrinhas, com pobreza abundante, violência e dominação pelo tráfico de drogas. Ainda do lado esquerdo da Avenida Juracy Magalhães Júnior, sentido Iguatemi-Garibaldi, na margem da pista temos o mais luxuoso hospital da cidade, o Hospital Aliança, o mercado público das classes mais abastadas, a Ceasinha, e lojas de revenda de automóveis, materiais de construção, peças e pneus. Por trás de tudo o Bairro do Nordeste de Amaralina, violento, pobre, reduto de traficantes.

Na Avenida Luis Viana Filho, Avenida Paralela, lado direito, sentido Iguatemi-Aeroporto, ao lado do luxuoso e caríssimo Condomínio Alphaville, em terreno caríssimo, está consolidada a favela do Bairro da Paz. Encravados no coração da área formada pelos bairros ricos mais antigos e tradicionais da cidade – Barra, Graça, Barra Avenida, Federação, Ondina – estão duas favelas a Roça da Sabina e o Calabar. Em volta dos shoppings centers mais luxuosos e estruturados da cidade – Shopping da Cidade e Salvador Shopping - inúmeras favelas: Baixo Pernambués, Saramandaia, Polêmica, Gueto do Candeal e outras menores. Os bairros da Pituba e Itaigara, circuitos de classe média e média alta, são circundados, muito proximamente, pelo Nordeste de Amaralina e favela da Polêmica. O bairro de Brotas, circuito médio, é cercado pelo Horto Florestal, circuito superior, e por circuito inferior formado pela parte baixa do Bairro de Cosme de Farias e por uma favela que se estende até a Avenida Bonocô.

A cidade de Salvador tem uma forma semelhante a um triângulo. O Farol da Barra seria um vértice desse triângulo. Um dos lados do polígono margeia o oceano e é mar aberto. Esse lado vai do Farol da Barra até Itapuã e segue pelo Litoral Norte. O outro lado do triângulo vai do Farol da Barra e contorna a Baía de Todos os Santos (Kirimurê) avançando para o interior do Estado. Os bairros que ficam à margem da Baía de Todos os Santos – Itapagipe, Ribeira, Mares - são mais homogêneos, embora até alguns poucos anos atrás estivessem próximos de uma das comunidades mais miseráveis da cidade, os Alagados. Essa homogeneidade é, também, encontrada em bairros da outra face da cidade, como Boca do Rio, Itapuã, Piatã e até mesmo no bairro Jardim Armação, típico bairro de classe média. Próximo

a Piatã, surgem bairros novos com construções voltadas para o público classe média e média alta: Patamares e Greenville. O miolo do triângulo que forma Salvador é predominantemente ocupado por bairros das classes mais pobres constituídos por terrenos de menor valor imobiliário.

As favelas relacionadas – Polêmica, Roça da Sabina, Calabar, Saramandaia, Nordeste e outras – estão localizadas em terrenos de grande valor imobiliário, bem localizados, próximos e alguns com vista para o mar, no alto, cercados pelas melhores vias de transportes coletivos da cidade, com grande densidade demográfica, constituindo circuitos economicamente inferiores, mas organizados como comunidades e com dinâmica econômica relevante na composição da riqueza da nação.

Sob uma visão sociológica, os espaços constituídos pelas favelas relacionadas são fornecedores de mão de obra de baixa qualificação para os médios e ricos. Sem dúvidas. Desses locais é que saem as diaristas e domésticas para as casas dos mais abastados. Saem também os jardineiros, pedreiros, pintores, marceneiros e carpinteiros, além de outros. Mas este espaço que fornece mão de obra para os ricos, que em termos é explorado pelos ricos, também requer prestação de serviços para si e, também, explora em termos uma classe economicamente inferior. Observando a conformação da cidade de Salvador, verifica-se que, no topo dos morros, passam as vias, ruas asfaltadas, com iluminação pública e rede de água. Às margens dessas vias, nos bairros mais pobres da cidade, ficam o comércio e as residências mais caras. À medida que vai descendo o morro e aproximando-se do vale por onde não passam vias urbanizadas, as construções são de baixíssimo valor e são residências de “miseráveis”. São esses que prestam serviços aos que moram no topo. É daí que vem a diarista que toma conta do filho de uma doméstica que foi prestar serviço no bairro rico. É daí que vem o ajudante de pedreiro, de ferreiro, de pintor ou de carpinteiro para avançar o trabalho enquanto o profissional está prestando seus serviços em bairro rico a preços bem mais altos. É daí que vêm as lavadoras de roupas e as domésticas. São os circuitos mais baixos sendo explorados pelos circuitos pobres; os circuitos pobres sendo explorados pelos circuitos médios e todos os circuitos sendo explorados pelos circuitos ricos. Ou são os circuitos mais baixos

prestando serviços aos circuitos pobres; os circuitos pobres prestando serviços aos circuitos médios e todos os circuitos prestando serviços aos circuitos ricos.

A Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República do Brasil, em 2014, definiu as classes econômicas (5) pela renda familiar total, em reais, conforme tabela a seguir:

Tabela 4 - Classes econômicas pela renda familiar total (R\$)

Classe Econômica	Limite Inferior	Limite Superior
Classe E	0	1.254
Classe D	1.255	2.004
Classe C	2.005	8.640
Classe B	8.641	11.261
Classe A	11.262	-

Em reais a preços de janeiro/2014.

Fonte: microdados da PNAD e POF/IBGE.

O Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), que leva em conta a renda do trabalhador fundamentada na quantidade de salários mínimos, é uma base para definição dos vários circuitos atuais. O DIEESE considera e classifica as classes de trabalhadores (WIKIPEDIA, 2015) em:

- a) Miserável: até 1 Salário Mínimo;
- b) Baixa: de 1 a 2 Salários Mínimos;
- c) Média baixa: de 3 a 6 Salários mínimos;
- d) Média: de 7 a 19 Salários mínimos;
- e) Média alta: de 20 a 29 salários mínimos;
- f) Alta: 30 ou mais salários mínimos.

Outra classificação da Consultoria Target, na qual "Classe A1" simboliza a população rica tradicional, distinguida dos "novos ricos" (WIKIPEDIA, 2015):

- a) **Classe A1:** inclui as famílias com renda mensal maior que R\$ 14.400;
- b) **Classe A2:** maior que R\$ 8.100;
- c) **Classe B:** maior que R\$ 4.600;
- d) **Classe C:** maior que R\$ 2.300;
- e) **Classe D:** maior que R\$ 1.400;

- f) **Classe E:** maior que R\$ 950;
- g) **Classe F:** maior que R\$ 400;
- h) **Classe H:** Bolsa Família Média de 2013 = R\$ 97,00.

A divisão em circuitos para a realidade atual pode, perfeitamente, ocorrer com base na classificação da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República, com base na classificação do DIEESE, ou com base na classificação da Consultoria Target. Por qualquer das classificações é possível notar que existem mais de dois circuitos econômicos nas cidades brasileiras. Assumindo a classificação do DIEESE é possível vislumbrar circuitos que poderiam ter as seguintes denominações: circuito inferior constituído pelas classes miserável e baixa (até 2 salários mínimos de renda); circuito médio inferior constituído pela classe média baixa (de 3 a 6 salários mínimos de renda); circuito médio constituído pela classe média (de 7 a 19 salários mínimos de renda); circuito médio alta (de 20 a 29 salários mínimos de renda); circuito superior constituído pelos muitos ricos.

Esses circuitos estão bem definidos em Salvador e nas grandes cidades do Brasil. Provavelmente são as fontes da violência urbana nas grandes cidades brasileiras. O Mapa da Violência 2014, que compila dados de 2012, registra que, ao todo, foram 56.337 mortes, o maior número desde 1980. Esse total supera o de vítimas no conflito da Chechênia, que durou de 1994 a 1996. É o dado mais atualizado de violência pelo Brasil e tem como base o Sistema de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, que registra as ocorrências desde 1980. A taxa de homicídios também alcançou o patamar mais elevado, com 29 casos por 100 mil habitantes. O índice considerado "não epidêmico" pela Organização Mundial da Saúde é de 10 mortes para cada grupo de 100 mil habitantes (UOL NOTÍCIAS COTIDIANO, 2015).

O bandido visível nasce em bairro pobre, é subnutrido, aplaca a fome com cola, com crack, não estuda, apanha e é submetido a sevícias em casa e na rua, na FEBEM e, mais tarde, nas DPs. Aprende a empunhar arma desde cedo, único meio de afirmação da sua existência e da sua reduzida autoestima. A violência é a mediação mais familiar que o liga à vida, e no seu mundo não há lugar para a fantasia, para o glamour, nem para o romance; toda perspectiva é imediata, sem rodeios, inclusive a necessidade premente de recorrer ao crime (PINASSI, 2009, p. 93).

A realidade da cidade do Salvador, nos anos 2000, é tão diferente da realidade das décadas de 1960/1970, que além dos aspectos de renda, a violência poderia ser um critério para definição de circuitos. Mas a verdade é que a violência é decorrência da desigualdade e, sendo assim, tende a aumentar muito, no ritmo de aumento da concentração de renda e, conseqüentemente, da pobreza extrema. Abastados, famosos, letrados, intelectualizados, pobres, analfabetos, sadios, doentes não vão mudar. Esse é o cenário que deve permanecer por muitas décadas. Alguns a cada dia com mais e outros a cada dia com menos. A violência grassando, aumentando e a segurança também. A cada dia é maior o número de policiais e de polícias. As recentes Guardas Municipais estão aí. As forças armadas, o Exército Brasileiro, já ocuparam favelas no Rio de Janeiro para manter a paz na comunidade. Não resolveu. Nem vai resolver. A mudança é de consciência. Difícil. Como disse Karl Marx “[...] não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (MARX, 1984, p. 23).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS : OS SERVIÇOS NOS NOVOS CIRCUITOS

A terceirização de mão de obra tornou-se relevante economicamente a partir da década de 1990 e alavancou extraordinariamente a prestação de serviços em todos os setores. Inclusive no setor público. Porém, de certo modo, a terceirização favoreceu o empobrecimento dos mais pobres, uma vez que as empresas terceiras não recontratam todos os trabalhadores dispensados da empresa original e há, evidentemente, redução salarial, além de precarização das condições de trabalho. A tecnologia, também, favoreceu o empobrecimento dos mais pobres e menos qualificados e extinguiu muitos postos de prestação de serviços. O barateamento de um simples equipamento eletrodoméstico, a máquina lavadora de roupas, reduziu de forma drástica – quase extinguiu totalmente – a prestação de um serviço tradicional prestado por mulheres dos circuitos inferiores às famílias dos circuitos superiores. A modernidade trouxe, também, os alimentos congelados, os fornos de micro-ondas e os restaurantes a quilo que muito contribuíram na redução da prestação de serviços pelas classes menos favorecidas. Até mesmo a proliferação de creches, equipamentos de cunho social cuja construção e instalação é regulada por lei, contribuiu para a eliminação de postos de trabalho comuns nas décadas de 1960/1970: as “babás”.

Nos espaços circundados ou circundantes de circuitos superiores, prevalecem serviços relativos a comércio, construção civil de pequena monta, serviços pessoais de beleza e, incipientemente, alguns serviços públicos. O comércio é intenso e realizado através dos meios que, em 1970/1980, só existiam no circuito superior da cidade. São pequenas mercearias, lojas de material de construção, farmácias, padarias, açougues, algumas lojas que vendem eletrodomésticos e móveis, inclusive a prazo, que aceitam regularmente cartões de crédito. Nesses espaços estão instaladas escolas públicas e postos de saúde próximos, igrejas, não católicas, que prestam relevantes serviços sociais e dão voz à comunidade. Existem também as Associações de Bairros que cobram serviços públicos de qualidade às autoridades. Nesses espaços, praticamente, não mais existem as cadernetas com anotações para pagamento no final do mês. Não se fala em vender “fiado”. A informalidade ainda é grande, mas a formalidade comercial predomina e o comércio é semelhante ao dos melhores espaços da cidade, com algumas poucas peculiaridades.

É fundamental não esquecer que a vida na cidade é condicionada pelas dimensões qualitativas, quantitativas e pela inter-relação desses circuitos de miseráveis, muito pobres, pobres, médios e ricos. Nesses espaços residem prestadores de serviços – pedreiros, eletricitas, encanadores, pintores, ferreiros, mecânicos, marceneiros, carpinteiros, diaristas e domésticas, jardineiros, entre outros – que vendem seus serviços às classes mais altas, média alta e ricos. O comércio de alimentos, em grande parte, ocorre no próprio bairro, assim como o comércio de roupas e eletrodomésticos. Nesses espaços chama à atenção a intensidade do comércio de material de construção para ampliação de pequenas residências, os famosos “puxadinhos”. Cimento não é obrigatoriamente vendido em sacos de 50 quilos, frações do saco podem ser adquiridas. Blocos cerâmicos são vendidos em pequenas quantidades, assim como areia, gravilhão, brita, etc. Os serviços são realizados pelos profissionais do próprio bairro, em mutirões, nos finais de semana, sem custo para o dono, que fica responsável pela feijoada, cachaça e samba. Esses não são espaços miseráveis. Têm organização social, participação na economia.

Entendemos que alguns mecanismos de comércio que, na década de 70, eram exclusivos do chamado circuito superior, hoje predominam no circuito inferior: o cartão de crédito. Outros mecanismos surgiram e são exclusivos dos circuitos mais

pobres: *tickets* refeição ou alimentação e mesmo o vale transporte. O cheque, praticamente, desapareceu da economia de serviços. Nos circuitos inferior e intermediário, o cartão de crédito é a moeda mais utilizada. O que permitiu essa intensidade de uso do cartão de crédito como moeda em substituição ao cheque foram as novas tecnologias: sistemas de processamento de dados, redes sem fio, comunicações via satélite e as facilidades de cadastrar e fiscalizar bons e maus pagadores. A estabilidade da moeda, o real, o controle da inflação, o crescimento econômico e a aparente estabilidade política e econômica também ajudaram muito na proliferação dos cartões de crédito.

A tecnologia que tanto favoreceu meios de pagamento e transações comerciais nos circuitos mais baixos também criou novos e importantes serviços e eliminou muitos empregos nesses espaços. Os caixas eletrônicos bancários, serviço de autoatendimento, eliminaram postos de trabalho e, de certa forma, fazem com que o cliente trabalhe para o banco sem remuneração. Novos serviços tecnológicos vão da televisão paga, internet, telefones móveis, etc. Esses novos serviços criam novas vagas de emprego, mas as vagas são em número inferior ao número de vagas que foram eliminadas e requisitam qualificação que não chega aos residentes dos circuitos inferiores.

Via de regra, o boom significa, afinal, um passo na direção da mecanização do processo produtivo e assim necessariamente, uma diminuição do trabalho requerido por unidade de produto; e frequentemente, embora não necessariamente, implica também numa diminuição da quantidade de trabalho requerido na indústria em questão, a despeito da extensão da produção que ocorre. Demonstra-se assim que o desemprego tecnológico é uma parte integrante do desemprego cíclico, e não deve ser colocado em oposição a este, como se não tivesse nada a ver com o ciclo (SCHUMPETER, 1982, p. 164-165).

A ideia da inovação, ou da “*destruição criadora*”, teoria de Schumpeter, constitui o dado fundamental do capitalismo. As inovações, sejam elas tecnológicas ou administrativas, entretanto, primeiro provocam profundo desconforto social com desemprego e incapacidade dos trabalhadores que ocupavam os postos de trabalho para as novas técnicas.

Quer se trate do livro no tempo de Gutemberg, ou da revolução digital hoje, as inovações técnicas primeiro levam ao desemprego aqueles que viviam no mundo antigo. Por exemplo, a tipografia vai tirar o trabalho dos escribas, já que um único tipógrafo pode, a partir de então, substituir até duzentos copistas. Atualmente, a difusão digital dos livros e dos discos questiona a existência própria dos livreiros e vendedores de discos (FERRY, 2015, p. 23).

No serviço de alimentação de fora para dentro de casa, a predominância dos “deliveries” nos bairros da classe média e média alta e a predominância de jantares promovidos e realizados em residências, sob supervisão de chefes renomados, nos circuitos altos. A frequência a restaurantes também é dividida por circuitos. Existem restaurantes típicos da classe média e exclusivos da classe alta. O crescimento assustador do número de “pizzarias” - que praticamente enterrou uma das culturas mais marcantes da cidade, a mundialmente famosa comida baiana - alcança a todos os circuitos e adapta-se à população da sua localização, oferecendo produtos a preços compatíveis com a renda local. Há pizzarias nos bairros mais ricos e nos mais pobres, com preços variados a depender da localização.

É grande a quantidade de salões de beleza, serviços de manicure, corte e pintura de cabelos nos bairros humildes da cidade. Não nos espaços mais miseráveis, mas nos espaços com renda média superior a um salário mínimo. A indústria de cosméticos não é submetida à crise de nenhuma espécie, a capacitação de pessoal para prestação desses serviços de beleza foi massificada e não é regulada pelos poderes públicos. Em um bairro não miserável de Salvador, Narandiba, na Avenida Edgard Santos, em um percurso não maior que mil metros estão instalados cerca de dez salões de beleza e um número superior de pequenos bares.

A principal característica do comércio nos circuitos não miseráveis, não médios e não ricos: grande quantidade de salões de beleza e bares, algumas pequenas lojas de confecções femininas, pequenas mercearias, farmácias de marca com estoque adaptado e revendedores de gás e colchões, voltados para atendimento à população local. Pequeno número de oficinas mecânicas de automóveis, gesseiros, eletricitas de autos e marceneiros para atendimento a clientes de outros circuitos superiores. Casos raros de clínicas odontológicas e pequenos escritórios de advocacia. Essas são as características marcantes do

comércio nos circuitos pobres não miseráveis e nesse comércio o cartão de crédito é aceito sem restrições.

Outra característica dos circuitos inferiores é a inexistência de igrejas da religião católica e a predominância de templos de outras religiões mais recentes: Assembleia de Deus, Adventista do Sétimo Dia, Peniel e muitas outras. As igrejas prestam inúmeros serviços aos seus fiéis, ajudam na organização social, recolhem indigentes, alimentam os mais necessitados, orientam quanto à ingestão de bebidas alcoólicas, exigem a manutenção da família, providenciam alguns atendimentos de saúde e terminam por levar paz e aceitação à comunidade. Os templos dessas igrejas mais recentes não se assemelham às igrejas católicas, são salas simples, na maioria das vezes, com cadeiras de plásticos baratas para acomodar os fiéis. Essas igrejas assumem em alguns casos papéis que deveriam ser atendidos pelo Estado. Tal qual o tráfico de drogas, essas igrejas ocupam espaços vazios em face da ausência do Estado.

REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. **Karl Marx**. Tradução Miguel Serras Pereira. Alfragide/Portugal: Editora D. Quixote, 2014.

BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Assuntos estratégicos - Social e Renda - a classe média brasileira. **Brasília**, n. 1, nov. 2014. Disponível em: <http://www.sae.gov.br/wp-content/uploads/ebook_ClasseMedia1.pdf>. Acesso em: 27 out. 2015.

BRESSER-PEREIRA, Luiz. **Desenvolvimento e crise no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

FERRY, Luc. **A inovação destruidora**. Tradução de Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.

FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. **Evolução física de Salvador**. Salvador: Editora Pallotti, 1998.

GANDRA, Rodrigo. M. **O debate sobre a distribuição de renda no Brasil: da controvérsia dos anos 70 ao pensamento hegemônico anos 90**. 2002. (Mestrado em Economia) Programa de Pós-graduação, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2002.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Teses sobre Feuerbach. São Paulo: Editora Moraes Ltda, 1984.

MYRDAL, Gunnar. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1960.

PINASSI, Maria Orlanda. **Da miséria ideológica à crise do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

PINSKY, Jaime; BASSANEZI, Carla (Org.). **História da cidadania**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

SAMPAIO, Consuelo. **50 anos de urbanização – Salvador da Bahia no século XIX**. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2005.

SANTOS, Elisabete et al. **Atlas sobre o direito de morar em Salvador**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), 2012.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. 2. ed. Primeira Reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, 2008.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico – uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Editora Abril, 1982.

UOL NOTÍCIAS COTIDIANO. Disponível em: <noticias.uol.com.br/.../2014/.../brasil-tem-recorde-historico-de-homicidio>. Acesso em: 29 out.2015.

WIKIPEDIA. **Classe social**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_social>. Acesso em: 29 out. 2015.